

# A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 7 de Setembro de 1856.

N. 2.

## Relatorio

APRESENTADO EM ASSEMBLÉA GERAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ, EM 21 DE AGOSTO DE 1856 POR SEU PRESIDENTE, JOSÉ ANTONIO DOS SANTOS CORTIÇO.

(Continuação do n. 1.)

A SAUDADE.

Essa criação do Gremio Litterario Portuguez, que lhe merece todos os carinhos, todas as attentões, em quem emprega com prazer todos os seus cuidados, a nossa filha, emfim, o periodico *A Saudade*, collaborado pelas pennas juvenis de nossa associação, não tem deshonrado os fóros que sempre couberam á mocidade portugueza, de talentosa; e a sua redacção tem tido o maior cuidado em que suas paginas senão aviltem com publicações, mais ou menos não adaptadas ao titulo com que se nomeia e que, inda imperceptivelmente, toquem em questões individuaes e vão offender a moral publica. Desejára porém, que esses talentos juvenis em vez de occuparem-se quasi exclusivamente em trabalhos de imaginação, em que se confundem aquelles mesmos que resaibos tem de intima erudicção, tentassem entrar em materias, talvez mais arduas, menos saborosas, porém que asseguram mais longa vida a uma publicação periodica; pois aquelles que nella procuram instrucção, facilmente se cançam de muita amenidade, que como as campinas da ARCADIA nunca deixam encobrir os seus arbustos e flores com as ramas espessas e altas comas das florestas.

A historia, essa mestra da mocidade inexperta, e vivificadora das nacionalidades decahidas; a geographia, pantheon magnifico em que se perde a vista na immensidade do globo, e em que os nossos avós colheram as mais difficeis corôas, são estudos que vós, com optimo resultado, podeis tentar.

A cerca da *Saudade* tendes visto até aqui a parte luminosa da medalha; ella, porém, tem reverso e forçoso é declarar-vos que apesar dos reiterados esforços da directoria e dos socios em geral, não foi a affluencia para socios do Gremio e as-

signantes ao nosso jornal, tão satisfactorio, como haviamos previsto: esta falha de nossas esperanças foi em grande parte devida, (cumpre não dissimular) a alguma irregularidade que desde o começo do semestre appareceu na entrega da folha, e que continuou a manifestar-se a despeito das diligencias que se fizeram para chama-la á sua marcha regular. Sabeis os males que acarreta para qualquer instituição, a irregularidade em seus trabalhos; sabeis, que, uma vez manifestada essa irregularidade, muito perde a instituição no animo de seus membros; e se esses mesmos que a instituiram e que já alguma vez provaram os fructos de sua boa ordem, lhe negam parte da confiança que haviam depositado, com dobrada razão devem negar-lh'a os que não conhecendo seus trabalhos praticamente, só a noticia de uma exemplar regularidade os moveria a que se alistassem em suas fileiras; creio que esta doutrina é de uma verdade incontestavel.

Houve pois um momento em que o nosso periodico vacillou sobre a suspensão ou continuação de suas publicações; e esta perplexidade foi motivada pela insufficiencia de assignaturas, fazendo porisso que fossem mesquinhos os meios pecuniarios para fazer face ás despesas de impressão, e nunca por falta de materia para suas columnas que, seja dito de passagem, tem sido superabundante. Reuniu-se o Gremio em assemblea para deliberar a tal respeito, e ainda que bem pesasse a todos os membros a suspensão temporaria da folha; ia ser votada essa medida e necessariamente approvada; pois se alguns membros a ella contrarios procuravam estribar-se para seus argumentos no desdouro e de alguma forma quebra de reputação que dessa medida provinha ao Gremio, outros (e destes o maior numero,) combatiam esses argumentos com outros incontestavelmente mais logicos e de um alcance mais positivo: a falta de meios pecuniarios. Ainda porém d'esta vez não foi nossa filha condemnada ao olvido; a bondade, cavalherismo e mais que tudo isso, a delicadeza de acção de um dos nossos dignos consocios deu, com sabeis, a primeira batalha a favor de sua emancipação fazendo que se distribuisse mais um de seus numeros; e depois, a bem concebida idéa dos dignos membros, autores da proposta, para que se costeasse

a folha por meio de acções tomadas entre os socios do Gremio, que representasse cada uma o valor de cinco assignaturas; esta salutar medida, digo, que approvamos e á qual espontaneamente prestamos nosso auxilio, tomando grande parte das acções, veio, por assim dizer, consolidar-lhe a posição que alguns momentos antes fôra ameaçada de perder. Hoje pois orgulho-me em declarar-vos, que ella se acha sob tão bons auspícios, que lhe agouro longa existeneia, sem que mais se veja exposta a crises identicas ás que já experimentara, se por ventura a nova administração procurar impedir (como ousamos crêr) que não se afaste de sua marcha regular, tão necessaria á sua conservação.

## CONTAS

*Gremio Litterario Portuguez.*

O activo do Gremio Litterario Portuguez é atéeste momento de rs. 147\$900; nada deve d'esta importancia, por que he ella o resultado, depois de pagas as verbas de sua despeza, que montou a rs. 96\$180; sendo, portanto, real esse activo de que vos fallo, como vou demonstrar-vos:

*Entrou:*

Saldo entregue pela Directoria que nos deu posse	14\$080
Importancia recebida por joias e mensalidades	196\$000
	<hr/>
	210\$080

*Salio:*

Para alugueis da salla das sessões, impressão de estatutos, luzes, annuncios e listas	96\$180
Para supprir ás despesas de impressões da « Saudade »	71\$500
	<hr/>
Dinheiro existente.	42\$400

*Dividas:*

Areceber de diversas por mensalidades	34\$000
Jornal « Saudade »	71\$500
	<hr/>
Em dividas e dinheiro	147\$900

Como vêdes, não é o estado actual do Gremio para esmorecer, porque se ponderar-des que o saldo em caixa será absorvido pela despeza de um mez, ponderar-vos-hei tambem que teremos para juntar-lhe as mensalidades de 39 socios existentes, cujo numero veremos em breve duplicar-se, ouso affiançar-vo-lo, se marcharmos methodica e regularmente.

*Continúa.*

## AMIGO C.

Pede-me que lhe escreva, e eu vejo-me em embarços para fazel-o. Sobre que assumpto entretereí o seu espirito tão atilado? Que novidades lhe poderei escrever, que já não as tenha ouvido em terceira ou quarta edição? Entre as montanhas que cercam esta gentil povoação, como recortadas muralhas de castello em fronteira de infieis, reina sempre o silencio de uma existência rotineira, e a penas interrompida pelo momentaneo dandear d'um sarau, ou por algumas reuniões publicas em que methodicamente se executam preceitos do codigô fundamental.

Quer ouvir o que por aqui se falla e discute? Entre com migo em uma d'estas casas de elegante apparencia, ladeadas de arvores frondosas e destacadas de flôridas collinas. Tenha cuidado de appresentar o maior acatamento quando penetrar o nobilissimo portal, e de perguntar ainda que seja pela decima vez o estado de saude das pessoas que se achão deleitosamente recostadas no salão. Vê aquelle velho de fronte larga e elevada, coroada de cabellos brancos, de traços pronunciados, tez queimada, olhos expressivos e alta estatura? Talvez o tome por algum herôe do Monte Caseros, retirado das luctas da fronteira do imperio. Pergunte-lhe se têm saudades de sua vida agitada de outr'ora, de sua lucta com os tropeços de uma escabrosa carreira. Responder-lhe-ha que levou vinte annos a plantar os seus cafesaes, e a derrubar o imbirrante mato, (victima inoffensiva de nossos lavradores,) porém que agora graças a Deos já colhe alguns milheiros de arrobas que lhe permittem ter um administrador. Quanto a novidades repetir-lhe-ha a pergunta que já fez a mil viajantes, sobre a possibilidade da vinda da estrada de ferro, salvaterio industrial que sorrindo todas as noites nos sonhos de nossos roceiros, lhes promete as delicias do Eden pecuniario. Mudará de lugar bocejando, e irá em demanda do sorriso benevolo, dos labios nacarados e entreabertos, do doce olhar d'aquella dama ainda joven, que acabou de levantar-se do piano, e recebe as felicitações de vinte gamenhos, encapotados em assetinados talmás, e armados de charutos collossaes. Diga-lhe que umas mãos tão delicada foram feitas para tocar com magnifica expressão as recentes sonatas do Rigolesto e dos Martyres, ou para reproduzir com a voz argentina do teclado os tornos accents de Desdemona. Talvez se ria de seus rasgados elogios, o ache um excellente original, com fumaças de erudito, e lhe diga que estas musicas novas são muito aborrecidas, e que anda estudando umas bellas variações da Rainha de Chypre, do incomparavel Paccini, e uma melodia do suave Appolloni, a quem tem especial estima. Mude de conversa; falle-lhe de

modas, de toucados, de novos estofos da caprichosa industria Parisiense: tomal-o-ha por um mascate disfarçado, e lhe pedirá para enviar-lhe no dia seguinte as ultimas amostras de cassas, porém que sejam serias, pois não gosta das mudanças continuas da moda, proprias para as cabeças de colibri das pallidas fluminenses.

Porém, não tome este breve lance de olhos por uma critica de nossa sociedade provinciana. Ao contrario, no meio d'estas existencias que seguem placidamente o seu curso, junto a estas altas montanhas silenciosas gosa-se muitas vezes entre duas chavenas de café, de uma agradável conversação, em que não falta illustrada amenidade, e que é ornada por esses toques ora brilhantes, ora meigos, que constituem o caracter nacional. Não pense tambem que o bello, sexo é massista, pesado, pertencioso; seria uma injustiça. A' sombra de nossas palmeiras elegantes, e das longas filas de esmaltados cafésaes, passeiam rostos que têm o mavioso reflexo de Lindoya, labios que sabem dizer-lhe na linguagem espirituosa de Sevigné as mais encantadoras frivolidades, e pés delicados que sem hesitação entrariam com regio dominio nos salões de Baden ou de Saint Germain.

Para quem sabé gozar plenamente das variadas prespectivas d'esta vida provinciana, os dias correm rapidos e sentem-se escoar com saudade os ultimos annos da idade juvenil. O estudo tambem póde amenisar os espaços aridos que no meio d'esta vereda se encontrarem. Copiar esta natureza tão eloquente que nos cerca, intercalando-a com as imagens graciosas que diariamente por nós passam: ler as ultimas strophes do lyrico expatriado, em um exilio em que reina o socego, e a confederação sobre o solo que vio partirem para o seu ultimo combate as grandes tribus Tupys, têm o duplo prazer da interpetração do que nos cerca, e do contraste de estranhas scenas.

Foi repassado d'estas agradaveis emoções que fentei escrever uma narração local, em que figurassem os costumes que presenciei, sobre o theatro grandioso que as aguas de um rio caudaloso cortam e ladeam os restos ainda magníficos das selvas deyassadas. A transição do estado primitivo, a idade para assim dizer heroica do paiz, para o estado assimilativo da civilização geral, em que hoje entra, foi o que mais me agradou. Outr'ora quando os primeiros colonos luctavam diariamente com as feras que povoavam as selvas, com os indios indomitos que assentavam suas aldéas sobre as margens ingremes dos rios, e com os proprios troncos gigantescos, trançados pelas parasytas, que formavam uma malha impenetravel dos variados productos da vegetação, estes caracteres de homens robustos e plebeus, pronunciavam-se com mais

energia; o incendio das paixões era mais intenso. E para o indigena que via roubar-se-lhe os dominios que os seus guerreiros lhe haviam legado; que, expulso do littoral, se via cercado no abrigo das matas; a quem se negava a legitimidade da propria condicção livre, e o respeito devido a sua familia ludibriada; para este havia uma lucta heroica e triste a sustentar: largar palmo a palmo o solo em que nacêra, combatendo sem esperança, e dominado por um poder que avassalava o raio e as ondas.

Mas sob este céu que desfralda em tardes de amorosa primavera um docel de tão puro azul; ao clarão repassado de saudades d'esta lua, que percorre com vigoroso denaire uma abobada abrilhantada em noites perfumadas pelos euros; entre os aromas suaves que destillam tantas flôres sylvestres, tantos arbustos perdidos na immensidade dos bosques, não se póde sustentar aturadamente sobre a scena do drama, ou nas paginas do romance um enredo tragico. E' preciso que aos gritos de raiva do luctador embravecido, succedam as melodiosas canções do trovador campesino; que ao severo perfil, ao porte sobranceiro do chefe que ora ás turbas, sigam-se as alegres praticas de um desses velhos roceiros, que viram derribar a primeira arvore da flôresta, e collocar a ultima pedra do palacio cittadino. E para derramar um colorido poetico, um sombriado suave, sobre todas estas figuras de variados gostos que avultão no quadro, mister é que venha a joven americana, a deusa d'estes bosques, a inspiração d'estes trovadores, e que deixe em cada um de seus sorrisos uma recordação ineffavel, em cada uma de suas lagrimas um doloroso sentimento para cada esptador.

Escolhendo uma localidade contigua a esta, quiz fallar sem receio de ser exagerado da natureza que descrevia, e dei á minha narração um nome que para mim só têm a profunda significação de um passado que não me foi dado alcançar. As Virgens do Parahyba narração singella e desprovida de pertencões, será mais um ensaio de litteratura brasileira que um nome obscuro virá adicionar a tantos outros de esperancosos talentos. E' como uma lembrança dramaticamente desenvolvida d'este lugares que percorri nos ultimos annos da primeira mocidade, e a quem desejava exhibir com algum brilho, pelo interesse affectuoso que a elles me liga.

Mas não julgue que de uma só vez lhe irá ás mãos a prometida producção. Estes ares do campo convidam tanto ao repouso, que a madraçaria é aqui considerada como uma molestia endemica. O mesmo trabalho de escrever, tão agradável, sobretudo quando contenta a vaidade de todos os rabiscadores de papel, torna-se uma tarefa pesada que se addia sempre para os dias de chuva. Se o auctor dos Mohicanos moras-

se em um dos valles d'esta serra, tinham os famintos leitores de esperar longos annos pelo complemento do seu romance.

Reserve-me um cantinho sempre no seu gabinete. Eu velho de espirito, exausto de seiva juvenil, gosto de puxar a minha cadeira para o circulo dos jovens que compoem o seu *Gremio*, e ahi fallar com elles de tudo o que a mocidade ama. Se já não possuo a crenga intima que circumda de aureolas idéaes todos os actos da vida, se tudo para mim parte de origens egoisticas e tende a fins prosaicos, apraz-me enganar-me algumas vezes reavivando ao contacto da mocidade os quadros que commigo a sós ja perderam os seus desenhos nas densas sombras do fundo. E' esta reaproximação como o encontro de uma rosa sobre o leito funebre do expirante que frue no seu aroma a recordação dos gozos que para elle findaram.

Adeos!

Vassouras, 15 de Agosto de 1856.

REINALDO CARLOS.

## LITTERATURA.

### Paginas Intimas.

#### II.

#### ESTUDOS HISTORICOS

#### I.

#### VIARIATO

#### I.

Conheço alguns litteratos de nome que ao lerem o pequeno trabalho que tenho a cusadia de encetar hoje, dirão com o emphase que lhes é propria:

Mais um plagiario, e então na historia! Como se eu, que jamais tive pretensões a litterato, não possa escrever alguma cousa nas horas vagas que deleite aquelles que sabem menos do que o obscuro autor d'este artigo! Infelizmente talvez que os algarismos, com que luto ha dez annos, deem aos meus escriptos um character pesado, destituido de graça e de fluidez; mas os meus leitores contentam-se com o pouco que posso dar-lhes, e não sei se é devido a isso que insisto sempre em escrever artiguinhos que nada deixam após si. Gostei sempre das flores, porque nasci no campo, no meio d'ellas; os meus *Aristarcos* entendem que não dou senão *florões*, e d'aqui a pouco serei um completo jardim.

É uma qualidade que se dignam conceder-me, porque as flores são e serão sempre, na phrase d'um elegante escriptor, os sorrisos dos anjos; entre tanto que se eu dêsse cardos, não passaria de *matto bravo*. Tenho-o dito por muitas vezes e repetil-o-hei sempre: escrevo para um publico que não arroga a si o mister de censor; fallar pois uma linguagem *aristocratica*, escolher os vocabulos menos conhecidos da lingua portugueza, seria affectação, seria ridiculo, o que é mil vezes peor. Descancem os mestres, envidarei todos os esforços para satisfazel-os, e agradeço-lhes d'antemão o interesse que tomam por mim...

#### II.

Estudar a historia do paiz em que nascemos, analysal-a até, identificar-mo-nos n'aquelles factos que despertam a nossa admiração, é, senão um dever, um tributo que pagamos a tudo que se nos representa magnanimo e sublime. Os factos pois, que vou relatar, estão ao alcance de todos.

Analyse-os quem quizer, não o farei eu porque me faltam as precisas habilitações. Contento-me em reproduzir n'uma linguagem menos colorida, a melhor das paginas da historia portugueza. Sem temor de commetter um anachronismo, entendo-o assim, não obstante essa pagina pertencer a uma época em que a Luzitania nada mais era que uma provincia sob o dominio Romano. Depois a idéa de que hia escrever a origem d'esse Portugal, que amo tanto, faz calar em mim qualquer outro sentimento, e terminado que seja o meu tenue trabalho, tenho convicção de que mais de um virá encher as columnas que a redacção da *Saudade* consagra á historia.

#### III.

Por falta de uma autoridade insuspeita e incompetente, ha algumas razões para crer, que a Hespanha foi habitada primitivamente pelos Africanos.

Os Rhodianos, Tyrianos e Phinicios estabeleceram colonias n'ella. Os dous primeiros, incapazes de idéas mais vastas, tiveram de ceder o lugar aos ultimos, que não se contentaram em estabelecer colonias fracas e sem importancia; mais emprehendedores e ambiciosos, formaram Cadix e Malaga. Não seriam ainda os Phinicios os unicos capazes de assegurar-se em Hespanha com um dominio mais estavel. Os Carthaginezes viriam em pouco tempo senhores de idéas mais vastas, a que os Phinicios tinham por sua vez de curvar-se. Calculando as vantagens que poderiam auferir d'um paiz quasi virgem do contacto extranho, emprehenderam assenhorear-se d'elle com os outros principios, e cujos resultados os tornaram possuidores absolutos d'esse

thesouro. Com nma perseverança inaudita foram, pouco a pouco, adornando Cadix de boas casas, templos e armazens, mais tarde conseguiram fortifica-lo. Empregando ora a força ora a mentira, elles chegaram a assenhorear-se de toda a Betica, ou Andaluzia. Amilcar Barca, pai de Annibal, tinha, 238 annos antes de Christo, estendido as suas conquistas pelos reinos de Murcia e de Valencia, penetrando até á Catalunha, onde fundou Barcelona. Amilcar foi morto em uma batalha contra os Sagontinos. Succedeu-lhe Asdrubal, seu genro, que sendo assassinado deixava a corôa ao famoso Annibal.

Este guerreiro depois de ter conquistado todo o paiz que forma hoje a provincia de Toledo; reunio todas as suas forças e marchou para Sagonte, resolvido a sitiá-la. Esta praça, esperando ser soccorrida pelos Romanos, fez uma resistencia heroica e desesperada. A fome reduzio seus denodados defensores ao ultimo extremo, e forçoso era cair mas como bravos. Assim obraram; as chamas envolveram a praça, e ellas foram o tumulo de seus heroicos habitantes.

A destruição de Sagonte foi o preludio da segunda guerra *Punica*, a qual teve lugar 218 annos antes de Christo. Annibal, acompanhado d'auxiliares hespanhoes, atravessou os Peryneos e os Alpes, ganhou as famosas batalhas de Thezino, de Thrazimena e de Cannas, e não podendoprehender Roma, vio a coragem de suas tropas fraquejar ante a propria fraqueza dos Capuanos.

(Continua.)

XAVIER PINTO.

Dando publicidade ao seguinte artigo historico, felicitamos seu joven autor pela vereda que escolheu para encetar seus trabalhos litterarios; e agradecendo-lhe, o convidamos a que prosiga.— Recommendamol-o aos nossos leitores e lhes pedimos a indulgencia que merecem trabalhos desta ordem, maxime, quando apresentados por quem apenas conta 15 annos de idade!

### Descubrimiento da America.

Depois das cruzadas, dirigidas contra os infieis da Palestina, no começo da idade media, e nas quaes todos os povos occidentaes, cedendo á voz poderosa dos Papas, se levantaram de commum accordo, para livrar o tumulo de Christo das mãos dos infieis; depois das cruzadas, digo, operou-se uma total mudança no mundo occidental. Os povos que tinham tomado parte nas diferentes cruzadas, adquiriam pouco a pouco algumas luzes, a principio pequenas, que de-

pois progrediam consideravelmente; cessou o estado de escravidão sob cujo jugo gemiam os pobres *servos da gleba*; as cidades e villas viam crescer em seus recintos, industriosos habitantes; a fundação de novas academias promovia rapidos progressos; os diferentes governos achavam bases solidas no caracter dos povos, já mais civilizados; as descobertas da bussola e da polvora contribuiam poderosamente para a civilização; appareciam de quando em quando audazes navegadores, que, os primeiros, ousavam arrostar os mares procellosos, nunca d'antes sulcados, fazendo assim grandes descobertas; tudo emfim cooperava fortemente para a total civilização do mundo inteiro!

No meio desse movimento progressivo, desse espirito de descoberta, dessa actividade geral, elevou-se um portentoso genio, um homem que pela vez primeira, ousou sonhar em mundos desconhecidos, um homem, emfim, que mudou á face do universo! esse homem era Christovão Colombo!

Christovão Colombo nasceu em Genova, na Italia, de parentes pobres; dotado desde a sua mocidade de grande talento e vocação para as mathematicas, entregou-se ao estudo dessa sciencia com grande esmero, cultivando ao mesmo tempo a geographia, e por seus calculos, ou fundando-se em antigas tradições, concebeu a existencia problematica d'um novo mundo!

Apezar do estado de civilização desse tempo, conservavam contudo os povos um grande numero de idéas antiquarias, assim Colombo, não poudo a principio achar apoio em parte alguma.

Esse audaz Colombo pedio á sua patria algum subsidio para facilitar a sua empreza, prometendo-lhe a posse d'um mundo ainda desconhecido, que elle ia descobrir, mas essa patria ingrata foi surda ás suas sollicitações. Colombo despondado então na sua expectativa, foi apresentar o seu plano a D. João II, rei de Portugal, com a mesma promessa, mas de nem um effeito foi o seu pedido. O rei tão convencido estava da possibilidade da existencia desse mundo, sonhado por Colombo, que tentou, mas infructuosamente extorquir-lhe a gloria que o futuro lhe preparava, pois a expedição que elle formou, instigado pelos seus cortezãos, foi baldada pelo furor das ondas tormentosas.

Colombo incansavel no seu projecto foi implorar á côrte d'Hespanha, o auxilio que lhe haviam recusado tão injustamente. Reinavam então em Hespanha Fernando do Aragão e Izabel de Castella; Colombo, vio-se, como das duas primeiras vezes, repellido e despresado; algum tempo depois renovou o seu pedido junto de D. Izabel de Castella, mas nada conseguiu, em quanto que seu irmão, mandado á Inglaterra, fora tão infeliz como o era Colombo. Este ultimo penetrado de

tão viva dor, vendo a dureza e a ingratidão dos homens, dispunha-se a partir para França, com as mesmas vistas, e já se tinha posto a caminho quando Isabel arrependida do seu primeiro passo e abraçando os conselhos de seu ministro, o cardeal Ximenez, chamou a si Colombo, e desta vez concedeu-lhe alguns subsidios para a sua expedição. Colombo dirigiu-se então para Palos, porto de mar em Hespanha, e ahí achou novo reforço em uma companhia mercantil, de navegação; de sorte que poudes armar uma pequena frota composta de 3 navios que eram *la Santa Maria, la Pinta e la Nina*; os dous irmãos Pinzons commandavam os dous ultimos navios e Colombo o primeiro. Estando tudo disposto, Colombo fez-se á vela de Palos a 3 de agosto de 1492.

(*Continúa*).

J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.

## POESIAS.

### Ypiranga.

7 DE SETEMBRO.

Os brados se escutam da sã liberdade  
Do nobre Ypiranga, nos campos sagrados!  
E em todos os pontos, a terra brasileira  
De jubilo cheia repeta seus brados!

No peito dos bravos leaes Brasileiros  
Um fogo se atêa que os faz inspirar;  
Um fogo emanado do céo que os protege,  
Altivos, sabendo-se a sós libertar!

Eis logo o Brasil, n'um imperio tornado  
Que os gritos soltados principio lhe deu!  
A gloria renasce, germina a ventura.  
Propagam-se as luzes em tudo que é seu!

A ti, Ypiranga, meu canto dedico  
Que ao povo brasileiro trouxeste igualdade!  
A gloria é só tua, recebe meu canto  
Que o grito soltastes da sã liberdade!

G. L. J.

### O Lirio Desfeito.

Meu lirio mimoso, afohagem viçosa  
O Sol do verão a queimára sem dó;  
As hasteas mirradas ficarão pendidas,  
E tu por entre ellas brilhaste inda só!...

Porem coitadinho depressa sentiste,  
Nas pet'las queimar-te um intengo calor:  
Dobrate tambem, pelo chão espargida  
Ficaste desfeita aromatica flor...

Eu quiz pelo chão reunir tuas pét'las,  
Tornar a compor-te meu lirio desfeito,  
Porem cada pet'la que erguia da terra  
Em pó se fazia defronte a meu peito!...

Que idéa pungente sentia, lembrando  
As cores mimosas que tinhas na vida!...  
Por certo tu eras no mundo das flores  
A flor, mais bonita, mais bella e querida!

Porem a natura não quiz que este mundo  
Guardasse thesouro de tanto valor!  
As pet'las cahirão no chão espargidas  
O aroma subio ao supremo Senhor.

No Ceo onde estais radiante meu lirio  
Olhai para quem, ainda hoje suspira  
Pela alma que tinha com vosco guardada  
Que a vossa p'ra o Ceo, saudosa seguira.

Rio 30 de Agosto de 1856.

B. C.

### Meu Retiro e a Philomela.

Para que tu, philomela,  
Vens singela,  
Neste deserto sem fim,  
Soltar teu canto ligeiro,  
Feiticeiro,  
Feiticeiro ao pé de mim?

Julgas tu, louca, na lyra,  
Quem suspira  
Pode teu canto enlevar?!  
Não pode, não, vai-te embora,  
Que nesta hora  
Não te quero ouvir cantar....

Vai, philomela teimosa,  
Maviosa  
Soltar a vóz mais alem,  
Que p'ra saudar com enleio  
Teu gorgieio  
Aqui não achas ninguem!...

Aqui, apenas sómente,  
Tristemente,  
Com teu cantar puro e ledo,  
Vens estorvar os gemidos,  
Que perdidos,  
Vim exalar em segredo.

Vai pois, risonha e fluente,  
Mui contente,  
O teu gorgoio soltar.  
Junto do bardo saudoso,  
Que ditoso,  
Possas d'amor te fallar.

Mas, passarinho encantado,  
Mal fadado,  
Eu já não vivo d'amor!  
Aqui, pois, de noitibos,  
Eu á sós  
Quero escutar o rumor!...

Setembro de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

### A desgraça.

A desgraça é como o tempo,  
Que aos mortaes respeito imprime;  
E nas acções que não morrem  
O bello torna sublime.

A desgraça é como o tempo,  
Mas é melhor conselheira,  
Sabeis mais com ella um dia  
Que sem ella a vida inteira.

A desgraça traz consigo  
A doce meditação;  
Torna livre o pensamento,  
Socegado o coração.

Qu'importa o corpo, se a alma  
Quer voar até aos céos?  
Se nos consola na terra  
Fazendo-nos crer que ha Deos.

A desgraça não traz odio,  
Não traz soberba ou inveja,  
Nem póde querer p'r' os outros  
O que p'ra si não deseja.

O que é desgraça? É chimera  
O justo não a conhece;  
O mau é que dá tal nome  
Ao castigo que merece.

S. Paulo, 24 Agosto 1853.

J. C. L.

### Poesia:

OFFERECIDA AO MEU AMIGO O ILLM. SR. DEO-  
CLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Quando mui triste me sinto  
Oh! charo amigo, a pensar,  
Na minha terra natal  
Por d'ella longe me achar;

Lembrão-me os dias d'infancia  
Que lá passei tão ditozos,  
Com meus irmãos a brincar  
Naquelles prados mimosos,

Tão lindos, tão verdejantes,  
Esmaltados de mil flores,  
Que viçoças desabrocham  
Espalhando seus odores,

Que eu innocente cortava,  
Para um raminho fazer;  
E contente ia correndo  
A minha mãe offerecer.

Se visses com quanto amor,  
No ramo e em mim pegava!...  
De mil beijos me cobria  
A seu collo me apertava!

Tu dirias meu amigo,  
Sem receio de o dizer:  
Por muito que se ame um filho  
Amar mais não póde sêr.

São estas recordações  
Que mais não póssó esquecer,  
Que meu coração magoam  
E me fazem padecer.

Mas já que tu me inspiraste  
O caminho da poesia,  
Quero ver se nelle encontro,  
O que achar eu não podia.

Quero vêr se com a lyra  
Mudulando-a saudoza  
Dou lenitivo a minh'alma  
Se a posso tornar ditoza.

Porém se ella p'ra comigo  
Cruel se quizer mostrar,  
Eu não peço a mais ninguém  
Só Deos m'a poderá dar.

Rio de Janeiro, Julho de 1856.

FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.

**Tentativas Poeticas.**

DE

F. GONSALVES BRAGA

XXXII.

**ALMEIDA-GARRETT.**

(9 DE DEZEMBRO DE 1854.)

Portuguezes... morrent!... D'aquelles labios  
D'onde manavam de Hypocrene os meles,  
D'onde angelicos sons coavam n'alma  
Sahiu o ultimo alento !

GARRETT.

Já não vive o cantor do luso bardo,  
Que a patria celebrou !  
Garrett já não vive ! A lysia chora  
Quem seu Camões cantou.

Já não vive esse genio sublimado,  
Semelhante a Camões !  
Morreu depois de haver tirado á lyra  
Angelicas canções !

Era immenso o seo genio,—qual de bronze  
Estatua colossal !  
Deu-lhe um sopro valente a fria morte,  
Cahio do pedestal !

Cobriu seu corpo o manto do porvir,  
Com as geladas dobras,  
Mas nunca esquecerão aos lusus gratos  
Seu nome, e suas obras.

Oh ! nunca,—que o cantor que deu á patria  
Um — *Frei Luiz de Souza*, —  
Apezar do seu corpo inanimado  
Jazer sob uma lousa;

Na crença viverá de um povo inteiro  
Passando as gerações : —  
Lembrarão nossos netos com orgulho  
O cantor de CAMÕES.—

Morreu Camões:— tres sec'los se passaram  
Garrett ao mundo veio,  
Cantou seus feitos,—e deixando o mundo,  
Foi unir-se-lhe ao seio.

No mundo deu-lhes Deos missões augustas:  
A cantar, e soffrer  
Viveu Camões,—Garrett veio ao mundo  
Monumento lhe erguer.

Monumento que deu Camões á patria,  
Deo Garrett a Camões:—  
Dous poemas divinos, são, que passam  
Través das gerações !

São pois irmãos:— rivaes não quiz o mundo  
Que fossem, consentir,  
Não quiz o céu tambem, — que suas almas  
N'uma só quiz unir.—

— Oh ! valente escriptor ! O que fizeste  
Quem na Lysia já fez ?  
Com teu fecundo ingenho abrilhantaste  
O palco portuguez !

— *Alfageme*,—*Catão*,—*Mérove*,— e outros  
Esriptos theatraes;  
*De Gil-Vicente o aulo*, em que revivem  
As scenas nacionaes !

Tambem votaste á candida belleza  
Da musa um vivo extracto  
Arrancando da lyra, em um poema  
*De Venus o retracto !*

Já não vives ! Qu'importa ?— Lá no empyreo  
Tu'alma em paz descança,  
Mast eu nome, no mundo, duradouro,  
Porvir honroso alcança.

## II.

Morreste !.... e do brado a lyra  
Que fez teu nome immortal,  
Comtigo não mais suspira,  
Não canta mais Portugal;  
Não eleva mais aos céos  
Doce voz dos cantos seus  
De harmonia divinal ;  
Nem os sons harmoniosos  
Dos teus cantos magestosos  
D'energia colossal !  
Tu foste o tronco robusto  
Da moderna poesia,  
No teu peito nobre, augusto,  
O seu fogo se acendia:—  
Eis agora desprendidas  
Ultimas— FOLHAS CAHIDAS —  
Dos ramos que Deos te deu,  
Qual cysne que a morte inspira  
Teu estro soltou da lyra  
Ultimo canto.... e morreu !

## III.

Já não vives ! Qu'importa ? Hade ir teu nome  
Passando ás gerações ;  
Lembrarão nossos netos com orgulho  
O CANTOR DE CAMÕES.